

**“PRAÇAS CHEIAS DE VELHOS E VELHAS E
DE MENINOS E MENINAS” (Zc 8,1-8):
A longevidade e presença de Deus
no espaço público**

*Luiz Alexandre Solano Rossi**

Resumo

Zacarias 8,1-8 traz promessas de recomeço a partir do espaço público. A praça é o local por excelência da presença de Javé. A praça terá lugar para aqueles que eram impedidos de viver: velhos e velhas e meninos e meninas ocuparão seus espaços na nova cartografia de Jerusalém. Mas, para tanto, a própria cidade de Jerusalém precisará passar por uma profunda transformação a fim de se construir e constituir a partir da verdade e da justiça. Não mais a violência e a morte. Na praça se respira vida longa aos pobres.

Palavras-chave: *Longevidade. Velhos e velhas. Meninos e meninas. Praça.*

Abstract

Zechariah 8.1-8 brings promises of resumption from the public space. The square is the site par excellence of the presence of Yahweh. The square will be held for those who were unable to live: old men and women and boys and girls occupy their spaces in the new map of Jerusalem. But for this the city of Jerusalem must undergo a profound transformation in order to build on the truth and justice. No more violence and death. In the square breathes long life to the poor.

Keywords: *Longevity. Old men and women. Boys and girls. Square.*

* Luiz Alexandre Solano Rossi é pós-doutor em Teologia (Fuller Theological Seminary) e em História Antiga (UNICAMP). Professor no mestrado e doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Introdução

Zacarias 8,1-8 reúne oráculos do profeta que tematizam a promessa de salvação consubstanciada na reconstrução de Jerusalém ao redor do templo e, ao mesmo tempo, procurando esboçar uma nova organização política. Tempos difíceis. Tempo de exílio e de dor que trazem lembranças por demais desagradáveis e traumáticas. Penso que sobre as lembranças traumáticas e dolorosas o profeta irá se valer de promessas que elaboram um programa de esperança. Anti-imperialisticamente o profeta faz do espaço público o lugar apropriado para o surgimento da esperança subversiva. Afinal, a memória que teimava em não sair da mente de cada um dos exilados era a de violência e de morte imposta pela conquista do império babilônico.

O autor parece que está consciente de que o templo era o símbolo da presença de Deus no meio do seu povo. Mas é necessário levar em consideração o que representaria o templo para o profeta. Para Zacarias, a característica principal do santuário não é o altar sacrificial ou a arca, como nos tempos pré-exílicos. O santuário deveria ser o centro irradiador da verdade e da justiça. Um binômio que garantiria vida plena a todos, principalmente para os mais pobres. Aos olhos do profeta o mais importante é “[...] converter-se. Nesta conversão ocupa um posto capital o aspecto ético. O culto por si só não basta”¹.

O profeta Zacarias anima o povo a retornar do exílio e reconstruir a cidade e o Templo de Jerusalém sob um descendente de Davi: o sumo sacerdote Zorobabel. Neste contexto ele anuncia que as praças da cidade se encherão de velhos e velhas e de meninos e meninas, que nelas brincarão (Zc 8,4-5). A promessa de Deus é que ele resgatará o povo exilado, habitará no monte de Sião e estará presente no meio do seu povo: Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus em verdade e em justiça (Zc 8,8).

1. O mundo do profeta Zacarias

A dominação persa marca o contexto da profecia de Zacarias. Provavelmente seu pano de fundo sejam os distúrbios que principiaram depois da morte de Cambises, em 522 aC, motivados pela sucessão do trono persa. Na interminável sucessão de impérios, os persas sucederam os babilônios na dominação da Mesopotâmia, em 539 aC. A hegemonia babilônica foi de curta duração. Contudo, em seu auge, o soberano Nabucodonosor expandiu seu império em direção ao Egito. Judá, resistindo a essa expansão imperial e aliando-se ao Egito, torna-se também alvo da conquista. As consequências não tardaram a chegar: em 597 aC, um primeiro grupo foi deportado, e em 587 aC Jerusalém foi completamente destruída.

1. SICRE, J.L. *Profetismo en Israel*. Estella: Verbo Divino, 1988, p. 347.

Na luta pela hegemonia internacional, uma pequena nação na Palestina não consegue resistir ao jogo dos interesses internacionais.

O declínio da Babilônia acontecia ao mesmo tempo em que a leste da Mesopotâmia se consolidavam os persas, sob a direção de Ciro. Em 550 aC, derrotaram os medos e tomaram sua capital chamada Ecbátana. Dessa maneira, Ciro tornou-se senhor do império medo, que abrangia todo o Irã, parte da Mesopotâmia Setentrional, Armênia e Ásia Menor, até Hali. Depois de derrotar o rei Cresos da Lídia, em 546 aC, a soberania de Ciro estendeu-se sobre a Ásia Menor Ocidental. A conquista da Babilônia era uma questão de tempo. Em 539 aC, Ciro atacou a Babilônia e derrotou seu último rei. Dessa maneira, seu domínio abrangeu o reino neobabilônico, ao qual também pertencia a Palestina-Síria. Cambises, filho e sucessor de Ciro, conseguiu, em 525 aC, expandir o império persa até o Egito. Assim, todo o Oriente Próximo tinha sido submetido à soberania de um grande rei. Ao grande império persa estaria reservada uma duração de quase 200 anos. Na verdade, sob o governo de Nabônides (556-539) a Babilônia vivia um período de intensas desavenças internas. Povos escravizados (por exemplo, os israelitas deportados na Babilônia) e setores dos próprios babilônios (por exemplo, parcelas do exército) aderiram à política de Ciro. Em 539 aC, a capital Babel recebia Ciro triunfalmente. Foi recebido como libertador pelos sacerdotes de Marduc, e pelos judeus exilados, como um instrumento de Javé para libertar o seu povo (Is 45,1-7). A Mesopotâmia pertencia aos persas.

Novo rei, nova forma de governar. Nesse sentido, a forma de Ciro governar em nada lembrava a de seus antecessores. A partir de Ciro estava sendo implantada uma nova estratégia política em relação aos povos dominados. Duas seriam as bases para se manter a unidade do império, a saber, a arrecadação do tributo e a relativa autonomia das regiões e de seu culto religioso. Ao assumir o poder sobre a Palestina, Ciro permitiu a volta dos exilados e a reconstrução do Templo de Jerusalém. Na verdade, Ciro não somente permitiu a reconstrução, como também viu nela um passo importante para a conquista do Egito, o que consolidaria definitivamente o império persa.

A política do novo império previa a restauração dos cultos dos povos dominados. Ao patrocinar o culto local, esperava conseguir algum consenso, pelo menos dos sacerdotes, para a sua administração. É claro que esse conceito de tolerância não pode ser levado ao pé da letra. Não se tratava de consideração legítima pelos outros, mas sim da percepção que o império mundial poderia ser dominado de maneira melhor e mais duradoura. Também não significava um regime frouxo. As rédeas estavam bem seguras pelo poder central. Os assuntos da política externa e o sistema de tributos permaneciam centralizados firmemente em Pasárgada, Persepolis, Susa ou Ecbátana. Ações autônomas das partes que formavam o império não eram permitidas e, onde aparecessem, eram duramente reprimidas. Reinava ainda uma ordem hierárquica severa, e seria totalmente errado imaginar os reis como próximos ao povo por causa da tolerância. Eles eram

déspotas, diante dos quais todo mundo era tido como escravo. Todavia, nas questões da vida intelectual e religiosa dos povos subjugados, de sua peculiaridade e tradição, eles se evidenciavam como tolerantes.

O que parece um bem está, de fato, camuflando perigos insuspeitáveis. Afinal, a nova forma de política religiosa também se configura numa nova forma de dominação que serve aos interesses do império nascente e ao equilíbrio do poder. Constrói-se um sistema balanceado entre a autonomia local das províncias e o controle eficiente pelo poder central.

Zacarias significa “*Javé se lembra*”. Todavia, não somente Javé é apresentado na perspectiva da memória; também o próprio povo de Deus é convocado ao exercício constante da memória que leva ao encontro dos atos de Javé no passado. Zacarias viveu em um tempo de crise. A crise de um povo que se viu destruído, parte dele exilado, habitantes de uma terra arrasada pelos babilônios e recém-incluída na tributação persa; mas, ainda assim, dispostos a um processo de reconstrução. Contudo, não se pode falar apenas de reconstrução do templo, mas sim também da importância vital que é dada à reconstrução afetivo-social da vida do povo. A ação de Zacarias pode ser estruturada em dois alicerces: a construção do templo e um programa de reconstrução afetiva e social do povo de Deus. Uma tarefa gigantesca, mas não impossível.

Sugiro dividir o livro de Zacarias em três grandes partes:

1. Os capítulos 1-8, que podem ser datados após a missão de Ageu em 520 aC;
2. Os capítulos 9-11, que foram escritos provavelmente no período grego (por volta de 300 aC);
3. Os capítulos 12-14, compostos pelo ano 200 aC, e que possuem uma forte linguagem apocalíptica.

2. O profeta como animador da comunidade (Zc 8,1-8)

v. 1: *A palavra de Javé dos exércitos foi dirigida nos seguintes termos*

A expressão “Javé dos exércitos” cumpre um papel não somente estilístico, mas de importância teológica no texto. Para Hahlem e Ham “[...] das 36 vezes que o nome divino Javé dos exércitos aparece em Zacarias, 15 ocorrem no capítulo 8. A frequência do nome enfatiza o poder e suficiência de Javé em cumprir no futuro o que é humanamente impossível”².

2. HAHLEN, M.A.; HAM, C.A. *Minor Prophets*. New York: College, 2006, v. 2, p. 412.

v. 2: *Assim diz Javé dos exércitos: Tenho muito ciúme de Sião; estou fervendo de ciúmes por sua causa.*

Javé é um Deus zeloso (Ex 20,5; 34,14; Dt 4,24; 5,9). Poderia definir “zelo” como uma forte resposta emocional de Javé diante de qualquer tipo de afronta contra suas prerrogativas, privilégios, domínio e soberania. Brueggemann³ afirma que o fato de se nomear Javé como Deus zeloso significaria a própria identidade de Javé. Nesse viés identitário acompanho a percepção de Brueggemann:

Na indignação e na emoção que resguardam a peculiar pretensão de Javé de ser honrado, Javé se mostra intransigente. Javé atua com fúria, às vezes destrutivamente [...] Javé pode se sentir zeloso “por Israel” e, por conseguinte, pode ser movido por um intenso sentimento para intervir em favor de Israel e com a mesma paixão e ira voltadas contra Israel. Esta inclinação positiva para Israel é articulada com a mesma força que a inclinação potencialmente negativa que desata sua fúria destruidora⁴.

O ciúme/zelo que levara Javé a executar seu castigo contra Israel estava agora ardendo para restaurar o elo da aliança.

v. 3: *Assim diz Javé dos exércitos: Voltarei a Sião, habitarei em seu meio, Jerusalém. Jerusalém será chamada cidade da verdade, e a montanha de Javé dos exércitos terá o nome de Montanha Santa.*

O templo será novamente a moradia de Javé, e sua presença contínua e permanente assegurará a fidelidade de Israel à aliança. Jerusalém será chamada de “cidade da verdade”, ou ainda poderíamos usar a expressão sinônima do profeta Isaías “cidade da justiça” (Is 1,26). A presença de Javé na cidade é a chave para as dez promessas que seguirão com o objetivo de encorajar a vida e o trabalho de reconstrução realizado pelos trabalhadores. De acordo com Stuhlmüller o verbo “*sakan*” traz algo de arcaico e que “[...] nos dias do seminomadismo designava a morada familiar em tendas e a maneira em que inicialmente vivia Deus em meio ao seu povo e só posteriormente a expressão veio a adquirir a designação de Deus no templo”⁵. No Antigo Testamento Javé é o sujeito do verbo “morar” (*sakan*). Por 43 vezes permite compreender como uma presença graciosa imanente (Ex 24,16; 25,8; Dt 12,11; Sl 74,2; Ez 43,1-9 etc.).

Jerusalém é apresentada como o centro e o critério da verdade no meio da crise. A cidade ideal é insinuada pelo profeta: liberta do domínio estrangeiro, não precisará de muros de proteção e, nessa região ilimitada, haverá abundância de

3. BRUEGGEMANN, W. *Teología del Antiguo Testamento*. Sigueme: Salamanca, 2007, p. 595.

4. BRUEGGEMANN, *Teología del Antiguo Testamento*, p. 595.

5. STUHLMUELLER, C. Zacarias. In: *Comentario Bíblico San Jerónimo*. Madri: Cristiandad, 1971, v. 2, p. 154.

gado e de nova população. Segundo Pazdan⁶, a presença de Deus dará origem a um novo nome para Jerusalém, a saber, “cidade da verdade” e “montanha da santidade”. Mudam-se os nomes porque a relação de Jerusalém e do templo com o povo pobre também deverá passar por mudança, ou seja, o que aconteceu com Jerusalém deve se refletir necessariamente nos espaços públicos a fim de garantir a longevidade e a qualidade de vida.

Quais mudanças a presença de Javé produzirá na cidade? As mudanças não podem ser consideradas cosméticas. Elas alcançam a profundidade do tecido social. A renomeação de Jerusalém demonstra que o caráter de Sião passará por profunda alteração. Somente Javé tem o poder e a autoridade para alterar a designação de Jerusalém (Is 62,3-4). Como primeira consequência da presença de Deus, Jerusalém se tornaria a “cidade da verdade”. Uma expressão caríssima ao Antigo Testamento, pois, segundo Klein⁷, trata-se de “uma frase única no Antigo Testamento”. Mas é preciso salientar que o retorno de Javé somente se concretizará se alguns impedimentos forem enfim desarticulados. Afinal, como Javé poderia habitar numa cidade e seu templo marcado pela infidelidade, injustiça e violência?

v. 4: *Assim diz Javé dos exércitos: Velhos e velhas ainda se sentarão nas praças de Jerusalém, todos de bengala na mão por causa da idade.*

v. 5: *Mas logo as praças da cidade ficarão cheias de meninos e meninas a brincar pelas ruas.*

As crianças e os velhos nas praças serão um sinal da nova aliança. Teria Javé ficado com saudade da antiga aliança? Velhos/velhas e meninos/meninas não precisarão mais ficar trancados e calados nas casas, com medo dos inimigos. A vida não estará mais ameaçada, mas protegida e será plena. Crianças brincando na praça é um sinal claro de que há segurança. Dessa maneira, o profeta anuncia a chegada de um novo tempo simbolizada em Jerusalém, o centro do culto a Javé. Velhos com idade avançada, crianças brincando é uma perspectiva de uma população em crescimento, um bom sinal diante da dispersão judaica após o exílio. Zacarias retoma a mesma perspectiva de Is 54,1-3.13 e de Jr 31,12: a promessa de crescimento da cidade e o aumento de sua população. A profecia refere-se a um momento e a um lugar especial para os excluídos, integrando-os. No projeto de reconstrução socioafetiva, a destruição e a desolação não têm a última palavra e muito menos marcam o fim da história.

No entanto, vale a pena sublinhar que a presença de Javé trará especial alegria para tão somente dois grupos muito bem especificados: velhos e velhas e

6. PAZDAN, M.M. Zacarias. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 165.

7. KLEIN, G.L. *Zechariah*. New York: B&H, 2008, p. 234.

meninos e meninas (Am 5,16; Lm 2,11-12; Is 65,20; Sl 127,3-4; Jr 30,18-21). O ambiente urbano está na mente do profeta e se apresenta como essencial: “[...] o contexto para a reflexão a respeito dos tempos bons permanece a realidade urbana”⁸. A revitalização do ambiente urbano somente se dará a partir dos pequenos. Nem a cidade e muito menos o templo terão algum valor se a vida na praça for negada ou negligenciada.

Se Jerusalém foi desabitada, agora ela terá uma população significativa. O autor deste oráculo usa uma técnica de mencionar dois extremos, isto é, menino e menina e velho e velha, para indicar a totalidade do grupo, ou seja, a totalidade da população. As *performances* descritas de cada grupo – descansar e rir/brincar – parecem sugerir uma existência confortável para aqueles que viviam nas periferias criadas pelos grupos de poder. O oráculo, portanto, parece-me moldado a fim de discutir as questões relacionadas à qualidade de vida. Os versos 4 e 5 indicariam um modo de vida construído a partir da qualidade de vida dos mais fracos de uma sociedade. Nesse caso, a medida da importância de uma cidade e de sua religião passaria necessariamente pelo modo como elas tratam aqueles que são menos considerados. O particípio traduzido por “jogar” é na verdade uma forma de *sahaq*, um verbo que frequentemente denota sorriso (Jó 5,22; 39,7; Sl 2,4; 37,13). Uma variante do verbo aparece em Gênesis recordando o sorriso de Abraão e de Sara ao ouvir que eles teriam um filho (Gn 17,17; 18,12.13.15).

A complementaridade sexual também é enfatizada nesta condição futura. Fala-se não somente de velhos, mas também de velhas. Não registra somente meninos brincando, mas também meninas. Os dois sexos coexistem em harmonia. E a harmonia surge exatamente numa localização específica. Trata-se da praça que é mencionada três vezes no oráculo (*reḥobot*). Um local muito apropriado exatamente porque era nestes lugares abertos que os profetas anteriores compreendiam que a morte e a destruição ocorriam (Am 5,16; Jr 9,20; Lm 2,11-12). Ela traz a imagem de estabilidade e de prosperidade em contraposição a outras imagens deturpadas que povoavam o imaginário do povo quando da conquista dos babilônios. O papel das praças sinaliza uma mudança de papel na experiência judaíta do VI século. O que era no princípio um símbolo para a degradação e derrota torna-se símbolo de esperança. A esperança, portanto, se encontra no profano. Na profanidade da vida é que se deverá encontrar com a mais viva experiência de Deus. O espaço público é valorizado. Nele jovens e velhos estão unidos. O princípio e o final da vida se encontram; vitalidade e experiência; o chão da realidade está impregnado de vida!

8. PETERSEN, D.L. *Haggai and Zechariah 1-8*. Philadelphia: Westminster, 1984, p. 300.

- v. 6: *Assim diz Javé dos exércitos: Se isso parece impossível aos olhos do resto deste povo, seria impossível também para mim naqueles dias? Oráculo de Javé.*
- v. 7: *Assim diz Javé dos exércitos: Eu estou libertando o meu povo dos países do nascer e do pôr do sol, e vou trazê-los de volta para morar na cidade de Jerusalém. Então eles serão o meu povo e eu serei o Deus deles, na verdade e na justiça.*

Deus convida seu povo para fazer com ele uma nova aliança. Essa nova aliança está fundada na verdade e na justiça, a força capaz de trazer novamente a paz e a alegria. Essa aliança possui um duplo alicerce. O primeiro deles tem como base a verdade. Afinal, a verdade havia desaparecido das praças da cidade e do portão (Is 57,4; 59,12-15). O julgamento verdadeiro que deveria pautar as relações pessoais não estava mais presente. O segundo alicerce tem como base a justiça. É igualmente uma necessidade fundamental para a unidade do povo, haja vista a injustiça que marcava profundamente a vida do povo. O novo êxodo anunciado pelo profeta deverá atingir todos os pontos da dispersão. A promessa está direcionada na perspectiva dos exilados e da diáspora. Assim sendo, para o profeta a liderança e a hegemonia do projeto de reconstrução cabem aos exilados; é a partir deles que se fará a renovação da aliança.

Considero Isaías 1,21-26 como o contraponto do texto de Zacarias. Contraponto com aqueles que praticam a injustiça. Eles são chamados de “*meus inimigos*” e “*meus adversários*”. A cidade da justiça e da verdade já não mais cumpre com seu papel. Nela reside a morte e a violência. Não há mais alegria nas praças. As palavras acerca de Jerusalém lidas no profeta Isaías são demasiadamente fortes: “prostituta”, “cheia de criminosos”, “chefes são bandidos”, “não fazem justiça”. Todavia, em Zacarias, por duas vezes o profeta utiliza a expressão “meu povo” nos versículos 7 e 8. Penso que são grupos distintos. A literatura bíblica não pensa em todo o povo quando utiliza tais expressões. Os adversários e inimigos são, de fato, aqueles que causam as dores públicas e afastam as brincadeiras das praças.

Todavia, as promessas que dão forma ao futuro do povo também exigem uma forte prática da justiça no presente. A promessa de futuro melhor está umbilicalmente ligada à construção do presente a partir da justiça. Promessa e ética estão em estreita interdependência. No texto de Zacarias encontramos duas prescrições positivas seguidas de duas prescrições negativas, indicando que relações francas e de confiabilidade permitem a construção de uma sociedade estável. Ao contrário, vingança, ódio e provas falsas apressam a falência da coletividade e colocam em xeque o futuro. Nesse sentido sigo Sicre⁹ ao formular a pregação de Zacarias e demonstrar que o profeta se limita tão somente aos aspectos sociais:

9. SICRE, J.L. *Justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 581.

(a) julgai com retidão e justiça; (b) cada um trate com afeto e carinho o seu próximo; (c) não oprimeis a viúva, o órfão, o emigrante e o pobre; (d) ninguém maquine maldades contra seu próximo.

A destruição da cidade de Jerusalém foi a manifestação da justiça de Javé diante da desobediência dos pais. No amplo marco da vida diária, Jerusalém deixou que sua atividade e seus sentimentos não se orientassem para o bem do próximo. Dessa forma, Zacarias ousa propor e, acertadamente, que a transgressão ao bem do próximo é a única causa da ruína da cidade (Zc 1,2; 7,12). Todavia, Deus está pronto para fazer o bem e consolar seu povo, mas são necessárias a obediência e a prática da justiça. Dizer a verdade para o seu próximo é uma maneira de normatizar o relacionamento dentro do clã. Afinal, a injustiça e a mentira afastam os irmãos e impedem o crescimento da solidariedade. Nesse contexto, compreende-se por que Zacarias insiste tanto na boa ordem e na paz social a partir da praça.

3. Novos tempos para ontem e para hoje

A imagem da praça é ainda muito atual. Na promessa anunciada pelo profeta, praça é um lugar público, aberto, seguro e lúdico. Lugar público onde as crianças vão brincar e não morar, como acontece hoje; lugar de violência e não de confiança. Meninos e meninas brincam livremente. A promessa é um contradito que tem o poder de subverter a escravidão. Aqui brincar tem duplo sentido de libertação: direito da infância e sinal de liberdade. Neste texto de Zacarias chama a atenção à linguagem inclusiva, nada comum nos textos bíblicos: velhos e velhas, meninos e meninas. Despontam a relação entre criança e idoso. Não são polos opostos, independentes e sim complementares. Grupos que se exigem para formar o tecido social. Todos os habitantes, mesmo os mais fracos e indefesos da sociedade (especialmente estes), podem viver seguramente.

Atualmente milhares de crianças e idosos estão privados de exercerem seu verdadeiro papel. Quiséramos que lugar de criança fosse a escola! Todavia, alguns dados impressionam e indicam o empobrecimento e a violência cada vez maior da população infantil:

[...] 40% das crianças do país são pobres. Dados do quadro alarmante de crianças trabalhadoras: 4,6 milhões de crianças e adolescentes estudam e trabalham; 2,7 milhões de crianças trabalham e não estudam; 3,5 milhões de crianças trabalham mais de 40 horas semanais (dados da Fundação IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] e UNICEF [Fundo das Nações Unidas de Amparo à Infância], abrangendo o período de 1991 a 1996). Durante as épocas de colheita o número de crianças trabalhadoras duplica e chega a atingir quase 100%, dependendo da região. O Estado com maior índice de casos de trabalho infantil, conforme dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), é Mato Grosso do Sul. Foram encontradas 3.256 crianças em trabalho escravo nas carvoarias. Em segundo lugar vem o Es-

tado do Rio de Janeiro, com 10.013 crianças que trabalham no corte de cana. Seguem os estados de Alagoas e Pernambuco com suas plantações de cana-de-açúcar e o Estado da Bahia com a plantação de sisal. Além das atividades já citadas, empregam grande número de crianças o plantio de feijão, algodão, colheita da erva-mate, do café, braquiara, extração do sal, pedreiras, usinas e outros¹⁰.

Como encontrar sorrisos em terras tão inóspitas e geradoras de violência, exclusão social e criadora de periferias?

Seria possível pensar que idosos sentados nas praças seriam sinais visíveis da presença de Deus? A invisibilidade deles impede que vejamos a Deus e, conseqüentemente, correremos o risco de descartar tanto os idosos quanto as crianças. A distância que mantemos dos idosos e das crianças é um possível reflexo do quanto já nos esquecemos da advertência de Jesus quanto a isso: “Houve entre os discípulos uma discussão, para saber qual deles seria o maior. Jesus sabia o que estavam pensando. Pegou então uma criança, colocou-a junto de si, e disse a eles: Quem receber esta criança em meu nome estará recebendo a mim. E quem me receber, estará recebendo aquele que me enviou. Pois, aquele que é menor entre vocês, esse é o maior” (Lc 9,46-50). Jesus também nos surpreende com outra declaração: “Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, porque o Reino do céu pertence a elas” (Mt 19,13). Surpreendentemente o Reino é transformado num *playground* para crianças. Nessa praça transformada em “parquinho de criança” a presença de velhos e velhas, de meninos e meninas, indica a presença de Deus e, conseqüentemente, do Reino de Deus.

O Papa Francisco nos lembra de que “Um povo que não cuida dos seus idosos e das suas crianças não tem futuro, porque não terá memória e nem promessa. Os idosos e as crianças são o futuro de um povo! Como é comum deixá-los de lado, não?” Acredito que a vitalidade da Igreja se faz presente a partir de sinais bem concretos na realidade pública de nossas vidas e cidades. “O sinal da presença de Deus é este, assim disse o Senhor: Velhos e velhas estarão sentados nas praças de Jerusalém, cada um com o seu cajado para sua longevidade. E as praças da cidade estarão cheias de meninos e meninas que jogarão nas praças. Jogo faz-nos pensar em alegria: é a alegria do Senhor. E estes anciãos, sentados com o seu cajado na mão, tranquilos, fazem-nos pensar na paz. Paz e alegria: este é o ar da Igreja.”

Numa sociedade em que crianças trabalham e velhos agonizam, a esperança de Zacarias é mais do que bem-vinda.

10. SCHULTZ, V. *Zacarias 8,1-8*. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo/zacarias/8-1-8>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Bibliografia

BRUEGGEMANN, W. *Teología del Antiguo Testamento*. Sigüeme: Salamanca, 2007.

HAHLEN, M.A.; HAM, C. A. *Minor Prophets*. New York: College, 2006, v. 2.

KLEIN, G.L. *Zechariah*. New York: B&H, 2008.

PAZDAN, M.M. Zacarias. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. *Comentário Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2001.

PETERSEN, D.L. *Haggai and Zechariah 1-8*. Philadelphia: Westminster, 1984.

SCHULTZ, V. *Zacarias 8,1-8*. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo/zacarias/8-1-8>. Acesso em: 18 jun. 2014.

SICRE, J.L. *Justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

SICRE, J.L. *Profetismo en Israel*. Estella: Verbo Divino, 1988.

STUHLMUELLER, C. Zacarias. In: *Comentario Bíblico San Jerónimo*. Madri: Cristianidad, 1971, v. 2.

Luiz Alexandre Solano Rossi

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prado Velho

80215-901 Curitiba, PR

luizalexandrerozzi@yahoo.com.br